

A chegada da televisão em São Vicente (RN): memórias da reconfiguração da sociabilidade e do cotidiano

Ana Paula de Araújo RIBEIRO¹
Kênia MAIA²

Resumo: O presente artigo reflete sobre a televisão e as práticas sociais na cidade de São Vicente -- RN, tendo como enfoque os processos de sociabilidade e a memória de determinados sujeitos que vivenciaram a chegada da televisão na cidade. O recorte temporal é o início dos anos de 1970, quando chegaram os primeiros aparelhos de TV na cidade. Busca-se compreender como a presença da televisão modificou as práticas, as formas de sociabilidade e as relações sociais de moradores de uma pequena cidade interiorana do Nordeste. Centramos nossa atenção na maneira como os atores sociais narram as mudanças mais significativas produzidas em seus cotidianos. Para tanto, foram entrevistados moradores da cidade que vivenciaram a chegada da televisão.

Palavras-chave: televisão; memória; sociabilidade; cotidiano; práticas sociais.

La llegada de la Televisión en São Vicente (RN): memórias de la reconfiguración de la sociabilidad y del cotidiano

Resumen: El presente artículo reflexiona sobre la televisión y las prácticas sociales en la ciudad de São Vicente-RN, teniendo como enfoque los procesos de sociabilidad y la memoria de determinados sujetos que vivieron la

1 Ana Paula de Araújo Ribeiro é graduada em História (Bacharelado e Licenciatura) pela UFRN e em Serviço Social pela Fundação Universidade do Tocantins. Mestre em Estudos da Mídia pela UFRN. paularibeirosv@yahoo.com.br

2 Kênia Maia é doutora em Ciências da Informação e da Comunicação. É professora do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da UFRN. keniamaia@yahoo.com

llegada de la televisión en la ciudad. El recorte temporal es el comienzo de la década de 1970, cuando llegaron los primeros aparatos de TV en la ciudad. Buscamos entender cómo la presencia de la televisión cambió las prácticas, las formas de sociabilidad y las relaciones sociales de los habitantes de un pequeño pueblo del Nordeste brasileño. Centramos nuestra atención en cómo los actores sociales narran los cambios más significativos producidos en su cotidiano. Con este fin, entrevistamos a residentes de la ciudad que vivieron la llegada de la televisión.

Palabras clave: Televisión; Memoria; La Sociabilidad; Lo Cotidiano; Prácticas Sociales

Introdução

No século XX, a televisão começou a ganhar espaço na sociedade. Neste trabalho, refletiremos sobre a chegada dos aparelhos de televisão na cidade de São Vicente, no estado do Rio Grande do Norte, no início dos anos 1970, tentando compreender como a presença da televisão modificou as práticas, as formas de sociabilidade e as relações sociais de moradores de uma pequena cidade interiorana do Nordeste. Centramos nossa atenção na maneira como os atores sociais narram as mudanças mais significativas produzidas em seus cotidianos.

São Vicente é um município com uma população estimada de 6.364 habitantes³ que se localiza na microrregião da Serra de Santana, em pleno semiárido nordestino. Com uma extensão territorial de 198 quilômetros quadrados, encontra-se a uma distância de 200 quilômetros e Natal, capital do estado.

Conforme Trigueiro (2004), o Brasil não é tão urbano. Ao lado das suas cidades globais, o país tem aproximadamente 80% dos municípios brasileiros com uma população abaixo de 20 mil habitantes, e juntos representam aproximadamente 30% da população brasileira. São cerca de 4.000 dos 5.500 municípios da federação que formam uma extensa área territorial constituída de pequenas cidades com agudas características do mundo rural, mas que estão também inseridas nos processos midiáticos. São cidades imaginárias urbanas (VEIGA, 2002) e essencialmente rurbanas⁴ (FREYRE, 1982).

3 Dados do IBGE disponíveis em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=241300&search=rio-grande-do-norte|sao-vicente>. Acessado em 23 de setembro de 2014.

4 O neologismo “rurbano” foi criado por Gilberto Freyre (1982) e constitui uma mistura das palavras “rural” e “urbano”. O Sociólogo assim define o conceito de integração total e de complementariedade entre os dois mundos, sendo assim uma comunidade que habita um perímetro conceitualmente definido como urbano, mas que na verdade continua mantendo suas peculiaridades rurais.

A maneira de vida, estilos e costumes de quem reside nas cidades globais é bem diferente daqueles que vivem nas pequenas cidades do interior. Mas, entre as duas “categorias de cidades”, há em comum o acesso à televisão (TRIGUEIRO, 2004, p. 14). Essa é sem dúvida uma mídia de forte presença no cotidiano de grande parte da população mundial. A cultura midiática (MATTA, 1991) é cada vez mais presente nas diversas sociedades, de qual forma que os meios de comunicação foram adquirindo uma centralidade no cotidiano dos sujeitos. E a própria sociedade é interpelada a alcançar novos arranjos que deem conta da complexidade que esses contornos impõem. A cultura midiática sugere “un nuevo modo en el diseño de las interacciones, una nueva forma de estructuración de las prácticas sociales, marcada por la existencia de los medios” (MATTA, 1991, p. 84).

Se na contemporaneidade os sujeitos são atraídos pela televisão e entrelaçados pelas suas nuances, o que aconteceu quando a experiência foi iniciada em São Vicente (RN) há mais de quarenta anos? Qual memória os atores sociais guardaram das percepções despertadas pela primeira experiência de contato com a TV?

Para materializarmos nossa pesquisa, basear-nos-emos nas memórias de indivíduos que vivenciaram a chegada desse meio de comunicação na cidade. Selecionamos vicentinos que fizeram parte desse momento histórico, alguns proprietários de TV e outros espectadores, e que atualmente estão na faixa etária de 60 a 80 anos.

No Palco da Memória e Narrativas

Nesta análise, tomamos como foco a memória dos indivíduos que presenciaram a introdução da televisão em São Vicente. Foram trilhados os caminhos da memória oral, que se constituem nos procedimentos de estudo para a aquisição de dados que servem à construção da história ou memória narrativa. É o registro da história de vida de indivíduos que, ao focalizar suas memórias pessoais, arquitetam também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das múltiplas etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem (MINAYO, 1999).

A inserção da história oral nesta pesquisa se dá por esta buscar a investigação de um passado que se encontra preservado quase que exclusivamente na memória de determinados vicentinos. Assim, “a memória, como domínio que conserva certas informações, remete-nos primeiramente a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 423).

A discussão e conjectura do conceito de memória coletiva trazida por Halbwachs (2004) é cabível para pensar questões pautadas ao campo da comunicação. Conforme o autor, a memória individual deve ser abarcada como um fenômeno social e coletivo, submetido a variações, transformações e mudanças constantes. Refletir sobre a memória de indivíduos que vivenciaram a chegada dos aparelhos de TV no município é realizar um movimento que considera o caráter coletivo dos processos de midiáticação. A memória apoia-se sobre o “passado vivido”, o qual permite a constituição de uma narrativa sobre a sua história de vida de forma viva e natural, mais do que sobre o “passado apreendido pela história escrita” (HALBWACHS, 2004: p.75).

Neste âmbito,

a memória coletiva é um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 1984, p. 46).

Na perspectiva de utilização que o trabalho faz da memória oral, situa-a como a possibilidade de despon-tar contextos que raramente aparecem em documentos ditos oficiais, especialmente de natureza escrita. Reconhece, entretanto, suas limitações, sobretudo no que diz respeito às expressões muitas vezes restritas da memória.

A chegada da TV na rurbana São Vicente

No Brasil, a televisão chegou nos anos 1950 como auxiliar do processo de modernização, crescimento e integração nacional. A televisão brasileira foi inaugurada por Assis Chateaubriand em 18 de setembro de 1950, quando entrou no ar a PRF3 TV Difusora, que recebeu depois a denominação de TV Tupi de São Paulo.

No final de 1951, existiam mais de sete mil televisores no Rio de Janeiro e em São Paulo, mas o preço de um aparelho era três vezes maior do que o da mais sofisticada radiola da época, pouco menos do que o de um carro. Além disso, no país era inexistente a presença de indústria de componentes para os televisores, até mesmo as válvulas eram importadas dos Estados Unidos. Nos primeiros anos, a televisão não passou de um brinquedo de luxo das elites do país (MATTOS, 2009).

Em São Vicente (RN), em maio de 1970, vinte anos após as primeiras transmissões televisivas no Brasil,

coube a Osvaldo Fernandes da Costa “apresentar” à população essa “caixa de imagens”. Segundo Fernandes⁵, a televisão foi comprada na cidade vizinha, Currais Novos (RN), na loja Sertaneja, de Radir Pereira. Era um aparelho grande e pesado que transmitia imagens em preto e branco. A recepção do sinal vinha de Acari (RN). Sobre tudo, o televisor da cidade foi adquirido por causa da paixão pelo esporte, mais especificamente pelo futebol. Osvaldo Fernandes queria ter o privilégio de assistir à Copa do Mundo daquele ano em sua casa.

Em 1970, segundo dados do IBGE⁶, o município de São Vicente (RN) contava com uma população de 4.189 habitantes, tendo 70,37% na zona rural (2.948 moradores) e 29,3% dos habitantes em área urbana (1.241 pessoas), onde se iniciava o consumo e o uso da televisão. Uma cidade, assinalada por algumas transformações, tendo em vista o ambiente da globalização, mas com estruturas e contornos de cunho rural.

Na década de 1960 e no início nos anos 1970, as práticas de lazer e sociabilidade dos vicentinos se restringiam ao rádio, aos encontros nas calçadas das residências e na quadra de esporte, aos passeios ao redor do mercado público municipal, aos torneios de futebol, às idas para os almoços de finais de semanas nos sítios de familiares e às frequentes festividades religiosas.

Apesar dos impulsos modernizadores da primeira metade do século XX, comum a toda a região, São Vicente (RN) mantinha a atmosfera de “vila rural”, porém com um dos grandes símbolos da modernidade: o aparelho de televisão. A TV ocupou um espaço expressivo na mediação do tradicional com o moderno, essencialmente no cenário urbano.

Com a presença da TV, os signos da modernidade começaram a surgir, dando um verniz de progresso ao urbano. Em contrapartida, o mundo rural fora, por excelência, o *locus* de reprodução e manutenção da tradição, confrontando-se com os signos modernos da embrionária *urbe*.

Nesse período, as mudanças e transformações que aconteciam no país e no Rio Grande do Norte também chegavam aos vicentinos pelas ondas do rádio. Nas décadas de 1950 e 1960, o instrumento promoveu entretenimento, informação e educação aos moradores da pequena *urbe*, mas foi com a chegada da TV que a cidade vivenciou um verdadeiro *frenesi*.

Na residência de Osvaldo Fernandes, a televisão ganhou significação em grande parte da cidade e da

zona rural, não apenas pelas imagens e conteúdos, mas especialmente por ser um objeto tecnológico que dava visibilidade de conforto e *status* social a quem a possuía. Portanto, a TV insere-se no cotidiano vicentino nesse sistema articulado de mão dupla entre conteúdo (entretenimento) e poder de posse desse bem tecnológico (TRIGUEIRO, 2004, p.130).

A chegada do televisor despertou a curiosidade da população. Os olhares e os comentários dos vicentinos se direcionavam para a residência de Osvaldo, ou, melhor dizendo, para a sua televisão. Mais do que simplesmente continuar ouvindo, como no rádio, os habitantes da cidade poderiam enxergar com seus próprios olhos lugares, situações e personagens outrora distantes ou desconhecidas. No início da década de 1970, outros televisores chegaram à cidade. Nessa conjuntura, o aparelho era sinônimo de modernidade e progresso. Possuir uma TV na cidade significava *status*, o que tornava distintas as pessoas que a possuíam. A presença desse novo objeto de informação causou a reorientação das pessoas com o seu cotidiano.

Osvaldo Fernandes relata que, em inícios de 1970, por ser o único que possuía televisão na cidade, sua residência, principalmente à noite, ficava repleta de pessoas que desejavam acompanhar os programas. Ele não conseguiu quantificar o número de vicentinos que frequentavam sua residência, mas lembra que, dia após dia, surgiam mais e mais pessoas para assistir aos programas de TV. Por meio das entrevistas formais e também das conversas informais, percebemos que o aparelho de televisão de Osvaldo Fernandes é o mais lembrado por todos e o que despertou notável euforia em boa parte da população no início de 1970. Verdadeiras plateias se formavam em torno da TV do privilegiado dono, como narra ele: “Eu colocava a TV na área ou na calçada. A maior parte das pessoas ficava da calçada para fora, porque não cabia. Era bastante gente que vinha assistir, ficavam até no meio da rua (FERNANDES, 2011).

Assistir televisão denotava reunir a família, amigos, vizinhos e conhecidos para, juntos, acompanharem e se manifestarem sobre os programas a que assistiam. Ocorria ali, portanto, uma forma de convivência que levava à troca de opiniões e que aproximava pessoas que, por relações de parentesco e amizade, já possuíam um passado, uma história e experiências em comum (BARA-CHO, 2007, p.19). Vicentinos que não possuíam a televisão buscaram inventar modos de se relacionar com quem possuía uma na cidade para dividir o espaço da circulação televisiva. Esses deslocamentos realizados na cidade impuseram novos modos de interação. A televisão instigou hábitos, criou necessidades, disseminou ati-

5 Entrevista realizada em maio de 2011 com Osvaldo Fernandes, primeiro proprietário de TV da cidade.

6 IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=202&z=t&co=3&i=P>

tudes e comportamentos, incentivou o consumo e transformou a percepção do tempo. Interveio até mesmo na organização do espaço doméstico. Como, então, a TV se fez presente nas práticas de sociabilidade e no imaginário vicentino?

Ao redor da TV: Sociabilidades e Memórias

Em 1970, com a presença dos raros e poucos aparelhos de televisão, o hábito de sentar na calçada com familiares e vizinhos não possuía a mesma vitalidade. O elegido “espaço de diálogo” desses habitantes era especificamente na sala de estar em volta do aparelho de TV, nos espaços privados de algumas privilegiadas residências. Os vicentinos estabeleciam relações, laços, a partir da presença desse aparelho técnico.

Ao redor dos aparelhos de televisão, construíram-se, dia após dia, o “favorito” recinto de sociabilidade. Eram as “novas reuniões” de indivíduos no espaço doméstico que se abasteciam a partir da programação televisiva. Segundo Simmel (2002), esta sociabilidade é o conteúdo de interesses que gera a aproximação com outras pessoas e dá lugar ao prazer de se estar associado.

O homem sociável também é um fenômeno peculiar - não existe em lugar nenhum, a não ser nas relações sociáveis. Por um lado, o homem perde aqui todas as qualificações objetivas de sua personalidade; penetra na forma da sociabilidade equipado apenas com as qualificações, atrações e interesses com que o mune a sua pura humanidade. Por outro lado, todavia, a sociabilidade também o afasta das esferas puramente interiores e inteiramente subjetivas de sua personalidade (SIMMEL, 2002, p.171).

Para Simmel (2002), a sociabilidade é uma condição inerente e gerada pelas formas sociais, as quais são resultantes de várias combinações interacionais acionadas pelos propósitos, impulsos e desejos dos indivíduos. Esses arranjos sociais são derivados de múltiplos jogos, os quais apresentam os conteúdos das interações sociais, produtoras dos diversos quadros sociais ou, porque não proferir, das variadas formas sociais e um meio vital para a formação e estruturação da própria sociedade.

A sociedade adota desenvolvimentos representadas pelo conjunto de atitudes desenvolvidas nas interações e relações sociais, resultantes da capacidade de aglutinar

indivíduos em torno de interesses, ações e, como disse Simmel (2002), sociações, ou seja, como essas formas de estar juntos se configuram em relação à forma que resulta. A sociedade é moldada por meio dos arranjos sociais instituídos ao longo de sua história. As formas de sociação expressam-se nas sociabilidades prevaletentes num dado meio social concreto.

A sociabilidade é uma forma de se juntar as ações humanas, e o resultado é a formação das próprias relações sociáveis; são os arquétipos sociais que produzem as estruturas, que são alimentados pelos conteúdos sociais (ALCÂNTARA JÚNIOR, 2005). Assim, a plasticidade de uma dada sociedade está moldada pelos diversos jogos sociais que são produzidos nos seus percursos sociais, reproduzidos e multiplicados na razão e na magnitude em que os laços são concretizados pela sociação enfim proveniente desta capacidade de gestar o que entenderíamos como sendo a vida social.

Durante esse período, a sociabilidade mediada pela TV, principalmente para os receptores, foi uma sociabilidade lúdica no sentido de Simmel.

Toda sociabilidade é um símbolo da vida quando esta surge no fluxo de um jogo prazeroso e fácil. Porém, é justamente um símbolo da vida cuja imagem se modifica até o ponto em que a distância em relação à vida o exige. Da mesma maneira, para não se mostrar vazia e mentirosa, a arte mais livre, fantástica e distante da cópia de qualquer realidade se nutre de uma relação profunda e fiel com a realidade (SIMMEL, 2006, p. 80).

A sociabilidade lúdica ocorre conjuntamente com a interação dos indivíduos ou grupos sociais em razão de seus interesses diversos, podendo ser efêmeros ou não. No limiar da sociabilidade, as relações se formam de acordo com as motivações e relações cambiantes que se desprendem do cotidiano. Essa sociabilidade se revelava tanto nas fofocas, comentários que giravam em torno da programação televisiva, principalmente das telenovelas, bem como era evidenciada no carinho dos fãs pelos atores, apresentadores, jornalistas entre outros. Grande parte da população vicentina preenchia as suas conversas diárias sobre a televisão. A sociabilidade ligava o sujeito a partir do sentimento de proximidades da vida cotidiana.

Em São Vicente (RN), assistir à televisão era uma ação realizada coletivamente em família, com vizi-

nhos ou grupo de amigos e conhecidos. Era uma prática socialmente ativa realizada entre a casa e a rua. No espaço da TV, constituía-se uma zona intermediária entre o público e o privado. Era nessas “zonas híbridas de movimentação” (TRIGUEIRO, 2004, p.333), entre a casa e a rua, que eram vividos os episódios cotidianos da cidade, dos quais a televisão fazia parte.

O consumo e o uso da televisão pelo público vicentino que se dirigia à casa de Osvaldo, principalmente no horário noturno, muitas vezes eram realizados da casa para a rua. Essa mediação ocorria, conforme Trigueiro (2004), num espaço de interseção entre o privado e o público. O uso coletivo da televisão nessa zona de interseção era de consentimento, mas sendo de total autoridade do proprietário da casa. Salientamos que na família Fernandes o lugar oficial da televisão na casa era a sala de visitas. Entretanto, em algumas situações, como os jogos da Copa do México, a televisão era colocada na “área” para que todos pudessem assistir.

Todas as noites, até mesmo nos finais de semana, a casa de Osvaldo Fernandes era tomada por sujeitos que, por meio de diferentes ocasiões, aderiam a variados modos de assistir à TV. Em programas de maior audiência, Osvaldo mudava seu aparelho da sala de visitas para o espaço da área da frente da casa e até mesmo na sua calçada por questões de “comodidade” e de maior espaço, para que todos os vicentinos presentes visualizassem melhor o aparelho que, quando presente nesse espaço, ganhava extensão de uso coletivo.

Nos dias que o televisor permanecia na sala de visitas, as pessoas que chegavam primeiro na residência desfrutavam de melhor localização para assistir aos programas. Já quem permanecia da porta da sala para fora (área) e até na calçada e na rua não tinha uma boa visualização das imagens, muitas vezes só ouvia o que se passava. Mesmo assim, muitos permaneciam no local para, nos intervalos, inquirirem com os que estavam melhor situados sobre o programa que estava sendo exibido. A televisão notabilizou a casa da família Fernandes, que passou a ter uma “atmosfera de acontecimentos midiáticos” (TRIGUEIRO, 2004, p. 195).

Entre os moradores que faziam parte desse espaço social, estava Josefa Salette da Rocha Fernandes, mais conhecida como Dulce Rocha, nascida em São Vicente, filha de agricultor. Dulce Rocha já tinha acesso a esse meio de comunicação nas viagens que realizava a Natal, capital do estado. Mesmo assim, ela relata com desvelo o que achou da presença da primeira televisão:

Naquela época televisão passava muita coisa boa. Foi uma coisa muito boa que veio. Ninguém esperava que viesse uma coisa tão boa daquele jeito pra a gente. A imagem da TV não era bem nítida, mas dava pra a gente ver. Pra a gente era “de primeira” (ROCHA, 2011).

Nos dias dos jogos de futebol, era tão intenso o movimento nas ruas da cidade que algumas pessoas vinham da zona rural com o intuito de, muitos pela primeira vez, contemplar um televisor e poder visualizar as comentadas partidas de futebol, como foi o caso de Raimundo Medeiros, que se deslocava do Sítio Luiza para assistir aos jogos. Na época, Raimundo Medeiros vinha a pé da zona do sítio próximo à cidade, sendo mais um a se amontoar em volta da televisão de Osvaldo, principalmente nos dias de jogos de futebol. Ele rememora esse período com o seguinte comentário:

Quando era tempo de Jogo de Futebol, eu vinha todo dia do Sítio, lá pra Osvaldo. Eu era viciado em jogo, pois eu fui jogador de futebol. Eu gostava, aí vinha! A casa era cheia. Paguei muitas vezes. Não lembro se nesse tempo a gente chamava de cinco centavos. Eu dava esse dinheiro a Osvaldo, pra ele pagar a televisão de ajuda pra ele pagar a energia. [...] Minha esposa não vinha assistir comigo, pois ela era uma pessoa muito doente [...]. (MEDEIROS, 2011).

Os hábitos dos indivíduos sofreram alterações devido à presença da TV. Raimundo Medeiros, por exemplo, começou a conviver com pessoas com quem antes não tinha tanta afinidade. Sua relação de convivência social se ampliou com as frequentes “reuniões” ao redor da primeira TV da cidade. Dulce Rocha também relata eventos ocorridos na residência do primeiro proprietário que sucederam momentos especiais de sua vida:

Como eu era uma pessoa íntima da família, vez por outra eu estava lá. Agora, o que me marcou demais foi em 1970 na época da Copa do Mundo. A televisão na época era preto e branco. E então a sala dele era pequenininha e depois eles

fizeram uma reforma, aí ficou maior. Mas era tão empilhada de gente, como se fosse num jogo de futebol na arquibancada, porque nem podia nem respirar, pra gente assistir esse jogo. (ROCHA, 2011).

Nesse jogo, a televisão encontrava-se na sala de visitas e não na parte da área da frente, como nos relatou Osvaldo Fernandes. Pelos relatos de Dulce Rocha, a sala de visitas não se constituía em um espaço amplo, causando certo desconforto entre as pessoas presentes por estarem tão próximas. O interessante é que, em sua lembrança, ela faz uma comparação da sala de estar com uma arquibancada de futebol, devido ao “empilhamento” de pessoas na sala e à agitação daqueles indivíduos no momento da transmissão do jogo da copa.

Seguindo Martin Barbero (2003), a recepção carece ser ressaltada tanto a partir dos lugares nos quais as pessoas consomem a programação, quanto dos espaços de sociabilidade nos quais esses receptores convivem. Isto nos induz a perceber os complexos e variados modos de convivência entre os que assistiam à TV, contextualizando a dinâmica cultural que os cercava na aproximação com os meios e as relações que iam além do contato mais imediato com as mensagens.

Pode-se apreender que as difusões televisuais na morada de Osvaldo Fernandes, e logo após em outras residências, estimulou a popularização do futebol na cidade. Os campeonatos de futebol eram, cada vez mais, celebrados pela população, que incorporava novas práticas e representações. A popularização desse esporte está relacionada à aliança com o espetáculo: no estádio, no rádio, no noticiário e, mais especialmente, na televisão (LOVISOLO, 2001).

Essa popularidade do futebol na cidade, que se intensificou com as transmissões esportivas da TV, é sancionada ainda mais no depoimento do ex-prefeito Cicero Gundim, que também compartilhou dessas transmissões na casa de Osvaldo Fernandes.

A gente via só aqueles bonequinhos na televisão. Mas quem era viciado ao futebol, ou que jogasse futebol, ia. Sempre futebol foi uma paixão dos brasileiros de toda a época. Desde a minha existência, e hoje eu tenho 72 anos, sempre gostei de futebol. [...] A gente tinha um time em São Vicente, com uma rapazia-

da nova. E era um time bom. Jogávamos com Curráis Novos (RN), Jardim do Seridó (RN), se jogava até com Caicó (RN). Osvaldo era o goleiro. Todos eles iam pra a casa de Osvaldo assistir. Era São Vicente em peso que ia para a casa de Osvaldo. [...] Logo cedo ele colocava o televisor na calçada, pra acumular o pessoal, ficar bem à vontade (GUNDIM, 2011).

Nos horários das telenovelas também se concentrava um grande público. As relações de convivência entre jogadores de futebol, donas de casa, jovens, crianças, estreitavam-se a partir da TV, produzindo uma rede de sociabilidade cotidiana marcada por um forte viés midiático. A sociabilidade estabelecida em torno da TV se compõe numa sociabilidade heterogênea tanto no gênero como nas faixas etárias, mesmo que em alguns horários e programas característicos prevalecesse o comparecimento maior de homens ou mulheres.

Todavia, na perspectiva de Simmel (1983, p. 168), a sociabilidade se constitui em forma de interação na qual os participantes se mostram a um só tempo interessados e descomprometidos. Neste sentido, pode-se relacionar a noção de sociabilidade de Simmel à significação de “jogo” apresentada por Huizinga,

[...] o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida cotidiana” (HUIZINGA, 1971, p. 33).

Isto não quer dizer que as duas noções não se equivalem em todos os detalhes, mas uma comparação entre elas nos tolera pensar a sociabilidade como um tipo de “jogo da vida social”. Em São Vicente, notadamente as práticas de convívio ao redor da TV não circunscreveram e nem sempre foram totalmente condicionadas aos parâmetros familiares. Nesse ambiente, Osvaldo Fernandes e seus familiares partilhavam de um mesmo evento televisual com outros vicentinos, transformando o ato

de assistir à TV num fenômeno coletivo social. Era um apropriado “espetáculo” para ser “assistido” por muitos. Espaço de convivência social e de “entrecruzamento de quase todos os interconhecidos” (TRIGUEIRO, 2004).

Com a chegada de outros televisores na cidade, amplia-se também o número de telespectadores. Conforme relatos de Osvaldo Fernandes, depois dele, quem adquiriu aparelho de TV na cidade foi Belizio Alves dos Santos e sua esposa, Sinforosa Ferreira dos Santos, conhecida na época como Dona Mimosa⁷. Belizio Alves tinha sido combatente da Segunda Guerra Mundial e carcereiro da delegacia da cidade. Na época, era proprietário de um comércio de gêneros alimentícios e outras variedades. A residência da família Alves se localizava em frente à Igreja de São Vicente Ferrer, no centro da cidade. O lugar da TV também era na sala de visitas, em frente à porta de entrada. “Era uma TV preto e branco muito grande e possuía quatro pernas, como uma mesa” (SILVA, 2011).

Ela nos expõe, que:

Só papai mexia, para não dismantelar. Ele tinha o cuidado para não quebrar. Porque pra encontrar uma pessoa pra consertar era difícil. Naquele tempo o homem era o que dava a ordem. O dono da casa. [...] Durante o dia a televisão ficava desligada e só o rádio funcionava (SILVA, 2011).

Conforme relatos, o comerciante Belísio Alves convidava as pessoas que frequentavam a sua mercearia para assistirem a determinados programas em sua residência. Nesse período, o núcleo familiar era composto por oito filhos. Pela narração de sua filha, cabia ao pai, a voz soberana, estabelecer os limites na casa, prevalecendo sobre os demais componentes da família.

Todo esse cuidado se dava pelo receio de o aparelho quebrar-se, pois nesse período eram quase raros os técnicos especializados em consertos de TV na região. O dono do aparelho não queria ficar na frustração de ter sua recém-chegada TV quebrada, impossibilitado de ter acesso à sua programação preferida.

⁷ Surgiram entre alguns entrevistados relatos controversos de quem realmente foi o segundo dono de TV. Todavia, trabalhar com relatos orais é ter a consciência de que o esquecimento é inerente a essas memórias, que é impossível lembrar de tudo; ficam sempre algumas lacunas. Vale salientar que o artigo não tem como objetivo maior saber a ordem exata dos primeiros vicentinos a possuir um aparelho de TV. O importante é o mapeamento, mesmo impreciso, dos primeiros donos de TV da *urbe*.

No horário das novelas, a casa fervilhava de gente, como nos relatou Dona Mimosa:

Antes de a novela começar, a casa já ficava cheia. Enchia-se a sala de gente, que, quando eu precisava passar para comprar alguma coisa na rua, saltava uma janela que tinha de lado, porque não dava pra sair de jeito nenhum. E muitas vezes, a televisão ficava ligada até mais tarde da noite. Tinha dias que eu ia dormir e o povo ainda ficava assistindo (SANTOS, 2008).

De fato, a casa avançava como recinto ativo de audiência da televisão, delimitado por valores de honra, vergonha, respeito e religiosidade gerados por sentimentos de fraternidade e solidariedade, pelas contradições e negociações – interações mediadas – entre parentes, que se ampliavam com os compadres, vizinhos e amigos no horário nobre da programação televisiva (DAMATTA, 1985).

No tocante, mais uma família popular vicentina foi contemplada com um televisor. Maria Salete Gama, conhecida como Maria Benedito, relata que a televisão da sua família foi presente do seu irmão, que residia e trabalhava em Natal. Sua mãe, conhecida popularmente por Diná Salu, ganhou o aparelho no dia das mães.

Essa família também passou a ser fonte de referência de integração dos vizinhos com o mundo global. Convidar pessoas para compartilhar as imagens televisuais intensificava o relacionamento com os vizinhos, que se apertavam na pequena sala, muitos sentavam no chão ou ficavam em pé do lado de fora.

A gente convidava as pessoas pra assistirem televisão. A sala era cheia. Todo mundo vidrado na televisão. [...] Minhas amigas iam assistir. Toda a vizinhança ia. As amigas da minha mãe iam também. [...] Quem passava, ficava em pé na calçada ou na rua olhando. Ficavam admirados. (GAMA, 2011).

Em 1970, quando era professora na cidade, sempre comentava com os conhecidos sobre o que se passava na TV. A entrevistada nos relatou que na escola que trabalhava também conversava com os professores,

funcionários e alunos sobre o *Jornal Nacional* e principalmente sobre as novelas.

Conforme Maria Salete, todas as noites, quando uma determinada novela estava perto do seu horário de início, sua mãe, Diná Salu, saía para a calçada ou até à rua, chamando os vizinhos e conhecidos para verem o programa. Ao assistirem e comentarem as tramas, as pessoas realizavam mediações entre suas experiências da vida pública e privada (TRIGUEIRO, 2004).

Sobretudo, pelas suas narrativas, percebe-se que essas reuniões diárias mediadas pela TV representavam satisfação e alegria por estarem juntos assistindo a determinado evento televisual. Era o momento quando a família abria suas portas e as imagens de sua TV para os “televizinhos”. Não era momento de incômodo, mas de contentamento e júbilo para as famílias que os acolhiam. É na rede de comunicação cotidiana que os vizinhos amigos interagem. É nesse processo de apropriação e conversão que os acontecimentos da televisão chegam, pelas interações mediadas na rede de comunicação cotidiana, aos diferentes tempos e espaços da cidade. (TRIGUEIRO, 2004, p. 235).

Voltando às memórias, a aposentada Maria das Graças Nonato, atualmente com mais de 60 anos, também viveu dias de televisinha no primeiro ano de TV em São Vicente. Todavia, o evento de ter que sair de casa para ter acesso ao novo meio de comunicação acarretava certo constrangimento ao seu pai, o comerciante João Alves dos Santos, que prontamente providenciou a obtenção do aparelho para sua família. Como nas outras casas, a televisão também permanecia na sala de visita. O comerciante abria as portas e janelas de sua casa para que vizinhos e amigos participassem das informações e entretenimento dos programas da TV.

Diferentes de outras residências, o horário de assistir à televisão não era apenas no período noturno. Durante o dia, essa residência era ponto de encontro e sociabilidade para um público infantil. O espaço doméstico ganhou novos significados de entretenimento. Redes de relacionamentos entre familiares, vizinhos e colegas iam se tecendo paulatinamente pelas práticas mediadas pelo televisionamento.

Conforme relatos de Graça Nonato, pessoas que não eram tão próximas da família também vinham diariamente participar da audiência televisiva.

Às vezes, as pessoas ficavam meio que encabuladas, ficavam em pé na porta, na calçada. Talvez até com vergonha de

entrar porque não tinham tanta afinidade, mas, mesmo assim, a gente acolhia, e daí a gente ia começando aquele laço de amizade. Foi um momento bom da nossa vida. (NONATO, 2011).

Nos anos 1970, os raros domicílios vicentinos possuidores de televisão consolidavam a convivência rotineira de sujeitos sociais. Eram recintos de encontro, nos quais as formas de relacionamento entre as pessoas variavam, dependendo muito do nível de afinidade e do momento (horário do programa, intervalo, término do programa etc.). Mesmo assim, asseguramos que era por meio das relações sociais que os sujeitos “viviam” o lugar da TV. Tais encontros permitiam aos vicentinos não somente o consumo da TV e sua programação, mas estabelecia um espaço de descontração, diversão, de vivências com o outro, afinal, havia aspectos atrelados também à dimensão da afetividade, das interações e da própria sociabilidade.

Vale ressaltar que, mesmo com os diversos relatos orais, não conseguimos quantificar o número exato de aparelhos de TV presentes na cidade nos anos de 1970, devido ao fato de os expoentes não lembrarem. Porém, segundo Cícero Gundim (2011), não passava de meia dúzia ou até menos. Nessa perspectiva, reconhecemos que a memória oral tem suas restrições. Falhas de memória, distorção dos fatos e a subjetividade contida na narrativa são algumas limitações circunscritas nesta metodologia de pesquisa, o que, de maneira alguma, desqualifica a riqueza informativa e interpretativa da fonte oral. A memória não se resume a um pacote de informações; é todo um processo permanente e vivo de construção e reconstrução com o desígnio de responder a questões atuais. A memória é uma construção do sujeito.

No tocante, é importante enfatizar que neste período a energia da cidade era gerada por um motor a óleo que permanecia ligado até as nove horas da noite durante a semana e nos finais de semana se prolongava por mais uma hora. A chegada da energia elétrica ocorreu apenas em abril de 1972. Com a presença do sistema de fornecimento de energia da hidrelétrica de Paulo Afonso (BA), de fluxo contínuo de 24 horas, o município foi “invadido” por novos símbolos da modernidade, como também por vários outros aparelhos de TV.

Paulatinamente a televisão foi assumindo o papel de “geradora” de lazer e entretenimento. Muitos vicentinos tinham nesse meio de comunicação a oportunidade de acesso a filmes, notícias, programas de au-

ditórios e telenovelas. Nessa perspectiva, é importante lembrar como esses programas de televisão levavam ao telespectador uma infinidade de coisas (notícias, acontecimentos, valores, ideias, representações etc.).

Nesse contexto, a presença da televisão em São Vicente inicialmente traçou os primeiros caminhos que esse espaço urbano e sua população começariam a trilhar no contexto da sociedade midiaticizada. Sobretudo, cada sujeito representava a sua identidade sociocultural, que interagia com os outros que se reuniam para o ato de assistir à programação e também com as mesmas aproximações socioculturais que, mediadas pela TV, iam reinventando os produtos de uso, como também suas práticas e conteúdos de sociabilidade.

Os lares vicentinos detentores do aparelho de TV se transformaram num espaço de encontros, local para embates e vivência de pessoas que vinham de outras ruas da cidade e da zona rural do município. Essas manifestações legitimam a importância desse ambiente como um espaço social de encontros mediados pela presença da TV. Um lugar exclusivo para entretenimento, discussões, interações sociais e de informação do que acontecia em outros lugares do Brasil e do mundo.

A televisão “estatizou” a casa dessas famílias, que passaram a ter uma “atmosfera de acontecimentos midiáticos” (TRIGUEIRO, 2004, p. 195) e de agendamento de conversas cotidianamente, quando inúmeros sujeitos diariamente ocupavam o espaço da TV.

Considerações finais

Nos inícios da década de 1970, a televisão torna-se temática local na pequena cidade de São Vicente (RN), circulando nas propriedades privadas de alguns moradores privilegiados da cidade, sendo incorporadas as conversações e discussões diárias. A televisão realizou a aproximação com outro mundo, simbólico, urbano moderno, alimentando novos sabores de vida com as suas narrativas originárias de outras categorias sociais (LEAL, 1996).

As habitações que tinham televisão na cidade constituíam ambientes de confluência de familiares, amigos, vizinhos e conhecidos. Nessas sociabilidades, os constituintes de audiência apropriavam-se simultaneamente dos espaços das TVs, imprimindo usos e significados. Os espaços, atinados aqui, eram aqueles em que os sujeitos, como parte e parcela deles, construía uma relação “mútua” e dialógica, suas múltiplas experiências sociais.

O televisor era o oportuno objeto de consumo e de cobiça de ampla parte da população e mediador de um

novo *status* social para quem o possuía. A presença dos vicentinos nos domicílios dos primeiros proprietários de TV era regulada pelos rituais de cortesia e acolhimento. Os raros possuidores de TVs se sentiam orgulhosos de terem suas residências preenchidas de pessoas sedentas do consumo das imagens. Orgulho que permanece ainda hoje na memória desses proprietários.

Esse ciclo de sociabilidade que se formava diariamente via televisão, especialmente no período da noite, gestava uma nova maneira de estar com o outro. Embora a TV não traga a anulação completa das formas de sociabilidade tradicional, ela atualiza e reconfigura certas práticas e vivências.

Dessa maneira, o direcionamento dado ao estudo é um trabalho realizado na atualidade, que olha para o passado com a preocupação também de ofertar tais registros para a posteridade, quando poderá auxiliar na compreensão de outros processos, com outros sujeitos e suas memórias midiáticas e midiaticizadas. Embora hoje seja incontestável a relevância dos meios de comunicação na compreensão da formação das sociedades modernas, ainda é escasso o número de publicações que contenham a inserção deles no cotidiano das pequenas e grandes cidades, das pessoas, e nos estilos de vida.

Por meio das narrativas de memória, percebemos como a vivência social, os costumes familiares, os relacionamentos, os hábitos cotidianos e até os espaços foram sendo reconfigurados, moldados, ampliados por meio das representações da programação televisiva na cidade. Em razão de diferentes mediações que estruturavam a vivência do sujeito nas suas interações com os meios de comunicação, essas práticas, entretanto, não se realizaram de maneira homogênea.

A partir do resgate da memória dos protagonistas desse período, percebemos que o lugar da TV se transformou em espaço favorito de sociabilidade, por sua vez sancionado pelos diversos atores que se reuniam diariamente para contemplar a programação televisiva. É nas relações sociais próximas que o compartilhamento de sentidos, valores, reforça esse processo nas esferas de suas interações, a socialização. Assim, o estudo das representações dos indivíduos, de sua atuação na vida cotidiana, permite delinear as múltiplas lógicas de construção das relações sociais, formação de identidade e estabelecimento de padrões de ação na prática social (BARBOSA, 2004 p. 42).

Referências

ALCÂNTARA JÚNIOR, José. O Conceito de Sociabilidade em Georg Simmel. *Ciências Humanas em Revista*.

- São Luiz, v3. n.2. 2005. Disponível em: http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2005_2/jose_alcantara_v3_n2.pdf. Acesso em 14 de junho de 2011.
- BARACHO, Maria Luiza Gonçalves. *Modernidade em Preto e Branco: A televisão em Curitiba*. Tese de Doutorado em História. PPDH/UFPR, Curitiba, 2007.
- BARBOSA, Anna Christina Freire. *Formação de sociabilidades e vínculos mercantis no Mercado do Produtor de Juazeiro/B.A.* Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2004.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1995.
- FREYRE, Gilberto. *Rurbanização: que é?*. Recife, Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1982.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- HAMBURGER, Esther. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: NOVAIS, Fernando (Coord.); SCHARCZ, Lilia Mortiz (Org.). *História da Vida Privada no Brasil: contraste da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 439-558.
- HUIZINGA, J. *Homo Ludens - O Jogo Como Elemento da Cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- LEAL, Ondina Fachel. *A leitura social da novela das oito*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1990.
- _____. Memória-História. In: *Enciclopédia Einaudi*. V.1. Verbetes “História”, “Memória”, “Documento/Monumento”. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- LOVISOLO, H. Mediação: Esporte rendimento e esporte da escola. *Revista Movimento*. Porto Alegre, Ano VII, n. 15, p.107-117. 2001.
- MATTA, Maria Cristina. Radio: memórias de la recepción – aproximaciones a la identidad de los sectores populares. In: *Dialogos de la Comunicación*, n 30. Lima, 1991.
- MATTOS, Sérgio. *História da televisão brasileira - Uma visão econômica, social e política*. Petrópolis: Vozes, 4ª Ed., 2009.
- MARTÍN BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro, Vozes, 1999.
- SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Tradução Pedro Caldas, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 59-82.
- _____. *Sobre la individualidad y las formas sociales*. Quilmes: Universidad Nacional de Quilmes, 2002.
- _____. *Sociologia*. (org). Evaristo de Moraes Filho; tradução de Carlos Alberto. São Paulo, Ática 1983.
- TRIGUEIRO, Osvaldo. *Quando a televisão vira outra coisa: as estratégias de apropriação das redes de comunicação cotidianas em São José de Espinharas-PB*. Tese (Doutorado em ciências da comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo (RS), Universidade do Vale dos Sinos (RS). 2004.
- VEIGA, José Eli de. *Cidades imaginárias: o Brasil é menor urbano do que se calcula*. Campinas: Autores Associados, p. 304, 2002.

Fontes Orais

- COSTA, Osvaldo Fernandes da. *São Vicente nos primeiros anos da TV*, São Vicente, RN, 23 mai 2011. Entrevista concedida a Ana Paula Ribeiro.
- FERNANDES, Josefa Salette da Rocha. (Dulce). *São Vicente nos primeiros anos da TV*, São Vicente, RN, 13 jul 2011. Entrevista concedida a Ana Paula Ribeiro.
- GAMA, Maria Salette. *São Vicente nos primeiros anos da TV*, São Vicente, RN, 05 jul 2011. Entrevista concedida a Ana Paula Ribeiro.
- GUNDIM, Cícero. *São Vicente nos primeiros anos da TV*, São Vicente, RN, 15 jul 2011. Entrevista concedida a Ana Paula Ribeiro.
- NONATO, Maria das Graças. *São Vicente nos primeiros anos da TV*, São Vicente, RN, 12 jul 2011. Entrevista concedida a Ana Paula Ribeiro.

MEDEIROS, Raimundo. *São Vicente nos primeiros anos da TV*, São Vicente, RN, 11 jul 2011. Entrevista concedida a Ana Paula Ribeiro.

SILVA, Elita Alves dos Santos. *São Vicente nos primeiros anos da TV*, São Vicente, RN, 18 jul 2011. Entrevista concedida a Ana Paula Ribeiro.

Recebido em: 29/09/2014

Aprovado em 01/12/2014